

AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM: A IMPORTÂNCIA DE SABER AVALIAR

Fabíola Silva¹

RESUMO

Objetivamos fazer uma pequena análise sistemática dos conceitos, objetivos e o papel da avaliação educacional. Sabemos nós que ao longo de algumas décadas a avaliação passou a ter importância no que concerne a agenda política dos governos. Desde a década de 90 a avaliação vem sendo palco de transformações que visa à igualdade e direitos para os discentes. O desenvolvimento da avaliação tem por objetivo contribuir com a aceitação da pluralidade de conhecimentos entre os professores e alunos em sala de aula, valorizando os conhecimentos prévios dos alunos e o contexto em que este está inserido. Sabemos nós que esse envolvimento no contexto educacional permite que o processo de ensino e aprendizagem torne-se mais proveitoso e estimulante para ambas as partes (professores e alunos). Nesta síntese procuro ter um melhor entendimento do que é o desempenho, a realidade socioeconômica, e as mudanças da avaliação que contribui para o entendimento e desentendimentos do fracasso do aluno e da escola, além de que possibilita aos profissionais da educação repensar o que seria de fato erro, onde se encaixaria essa nomenclatura no contexto da aprendizagem e o que seria uma boa escola. Por isso que para se falar de justiça e justiça social devemos analisar alguns aspectos das instituições de ensino. No que concerne à teoria-prática avaliativa percebemos sua relevância sobre a discussão do processo de aprendizagem, devido ao fato de que esse processo está vinculado aos estímulos do aprendizado oferecido pelo professor.

Palavras-chave: Educação; avaliação da aprendizagem; formação política.

INTRODUÇÃO

Avaliação é o ato de valorar, atribuir valor a algo. As formas avaliativas podem gerar uma controvérsia por parte de quem avalia e de quem é avaliado, sendo no caso injusto para algumas pessoas que faz uso de forma mecânica. Sempre que precisamos decidir algo avaliamos os prós e os contras da situação, pois uma decisão mal tomada haverá consequências desagradáveis. Quando avaliamos atos, coisas, pessoas, instituições, o rendimento do aluno estamos atribuindo valores. Essa avaliação pode ser feita por meio de conversa construtivista, interação dinâmica, ou até mesmo podemos transformar a avaliação no ato autoritário e repressivo. E isso dependerá da nossa concepção educacional, do que acreditamos sobre ensino/aprendizagem, como isso acontece e os objetivos que desejamos atingir.

1- Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas - UFAL, fabiola.mendes18@hotmail.com

Mesmo que existam diferentes pontos teóricos adotados, a avaliação educacional é identificada por duas dimensões: interna (avaliação do ensino e da aprendizagem realizada pelo professor, ou seja, a auto avaliação deste); e a externa (avaliação em larga escala- o desempenho da escola) que é realizada por agentes externos. Essas avaliações da aprendizagem buscam saber o nível da educação e as informações reais sobre o trabalho realizado com os alunos nas diferentes áreas do conhecimento, por isso que é importante saber os tipos de avaliação que estão dentro desse processo, para com isso poder contribuir de forma coerente e poder intervir no processo educacional.

Avaliação Formativa: É a avaliação contínua, onde o professor pode fazer os ajustes necessários para adequar-se ao aluno e este possa interiorizar o conhecimento, ou seja, tem como objetivo verificar se os conteúdos dados pelo professor estão sendo aprendidos pelos alunos e com isso saber se o objetivo educacional está sendo alcançado.

Avaliação Diagnóstica: Tem a função básica de informar o contexto do trabalho pedagógico e sobre os atuantes deste projeto. O professor também pode detectar, em uma sondagem, o que seus alunos não aprenderam, podendo retomar o assunto para atingir o objetivo proposto.

Avaliação Somativa: Ocorre ao final do ensino, tem a finalidade de analisar o que o aluno efetivamente aprendeu. No diagnóstico é verificado os conteúdos mais relevantes e os objetivos concretos do período de instrução. Além do mais tem o propósito de atribuir nota e conceitos para o aluno ser promovido.

Auto-avaliação: É nesta avaliação que tanto o professor quanto o aluno se auto avaliam para ter consciência do ensino e do que aprendeu, essa análise reflexiva permite, no futuro, a auto correção e o melhoramento das práticas pedagógicas.

METODOLOGIA

Este trabalho foi uma pesquisa bibliográfica de uma estudante do 3º período do curso de pedagogia na Universidade Federal de Alagoas para ter uma melhor clareza do que é educação e avaliação. A pesquisa segue uma discussão qualitativa de textos referentes ao tema que serviram de base para sistematizar o conteúdo da disciplina Avaliação da Aprendizagem.

DESENVOLVIMENTO

Estudiosos, como Luckesi, sentem uma preocupação ao que se refere à superação dos enfoques positivistas das práticas avaliativas escolares, pois sabemos que se o mundo está mudando, então há novas exigências e novas descobertas no plano do ensino/aprendizagem e por isso é necessário outro entendimento da avaliação, quero dizer que a avaliação, sendo um mecanismo de pesquisa da aprendizagem, deve ser utilizada de outra forma para poder ter um melhor resultado nos objetivos.

De acordo com Sobrinho (2003), e Esteban (2001) a avaliação é entendida como um bem público e como interesses de mercado. Como sendo um bem público, nessa perspectiva, a avaliação não tem por objetivo uma análise quantitativa, mas sim uma observação crítica de forma qualitativa e nesse processo de melhorias à avaliação da instituição educacional, tem por identificar o contexto no qual se encontra. Sobre os interesses políticos econômicos e de mercado, ressalto que o processo avaliativo é direcionado as análises quantitativa de dados para que possam comparar as unidades educacionais, pois seus objetivos visam a maior produtividade e eficiência no que se refere a melhor construção ou produção de mão de obra para o mercado de trabalho, como podemos ver, por exemplo, no enfoque da análise dos sistemas que tem por verificar os níveis de ensino ou programa e divulgar seus resultados. E para ter a análise dos resultados podemos citar, por exemplo, o ENADE.

Na esfera evolutiva, a avaliação passou a ter outras perspectivas, avançando na esfera de interesses políticos e culturais, mas de acordo com Sobrinho (2003).

A perspectiva política enfatizará o valor da participação e da motivação; levando em conta a existência de conflitos de interesses, trataria a buscar estratégias que produzissem os acordos quanto às concepções e os procedimentos da avaliação. Na perspectiva cultural é levada em conta a realidade e respeitada identidade de cada instituição ou programa, e muitas das estratégias são criadas ao longo do processo, ou seja, no próprio desenvolvimento da avaliação.

Ou seja, a avaliação como sendo uma função política tem por capacitar o indivíduo para o mercado de trabalho, moldando-o as necessidades e demandas econômicas, sem pensar na educação crítica formadora de sujeitos ativos e para o bem pleno do ser humano, com isso quero dizer que o estado não pensa em uma melhora escolar, como dito por Sobrinho. Sendo uma forma de poder que inibi a ação dos sujeitos, a avaliação, muitas vezes, tem por escolher o sujeito bom e excluir aquele que não teve um bom desempenho nos testes padronizados, com isso continuando a definir as classes sociais desse modo capitalista, sem haver uma mudança de melhoria na vida das pessoas que não tem acesso ao

conhecimento de forma proveitosa, nem o incentivo por parte dos governos e até mesmo de seus familiares na busca da formação.

A evolução para o julgamento de valores permitiu ver a educação de outra forma, pois adquiriu interesses sociais e digamos libertador; sendo mais democrática, sem de fato deixar de ser um interesse político e positivista. A avaliação deveria servir aos interesses de todos os grupos sociais, pois essa participação social mostra que há uma pluralidade de culturas das quais deve-se avaliar de forma distinta, queremos aqui mostrar que como sendo a avaliação fiscalizadora e de interesses privado que exclui determinados grupos, as classes menos privilegiadas sempre esteve em condições desiguais. É necessário promover a igualdades de condições e de acessos, ou seja, o estado deve cuidar e valorizar aqueles que não têm condições acessíveis, ou seja, se faz necessário que haja políticas públicas que promova o respeito às culturas e as diversidade para promover a união.

Percebe-se que o nível de precarização nas escolas faz com que o professor seja visto, por seus alunos como sendo o vilão e não alguém que ele possa confiar ou se espelhar. Digo isto, pois para nos constituirmos como seres humanos, precisamos das interações para nossa aprendizagem e para nossa escolha de profissão, a educação surge como nascente primordial nesse processo de formação humana, podendo contribuir de forma positiva ou negativa e como as crianças passam 5 horas ou mais na escola, esta tem como espelho, no que diz essa formação humana, seu professor, pois passam a ter algum tipo vínculo com os discentes e isso pode, também, colabora com o tipo de estudante que nos tornaremos; apesar da relação familiar que tem em casa, e essas tidas como primordiais para a influência do comportamento da criança, as outras relações externas, este tipo de relação torna-se mais um vínculo afetivo familiar do qual é relevante ao progresso das crianças.

Sobre progresso nas escolas infelizmente o que vemos hoje é a diminuição da qualidade do ensino. Os alunos desta década não são como as de dez anos atrás, pois há muita informação circulando, mas nem todos tem acesso a esse conhecimento ou mesmo não sabem como utilizar de forma consciente, além do que, há professores que não utilizam essas ferramentas a seu favor para ser mais uma aliada ao ensino. O impedimento a isso é a má formação destes, como também a falta de motivação devido aos baixos salários. O sistema capitalista e neoliberal castra tanto alunos, como professores, este é um agente importante na formação social do ser, mas tanto alunos quanto os professores, ressaltando, são vítimas da situação socioeconômica.

Sabemos que um professor se sente realizado quando percebe que seus alunos estão prestando atenção em suas aulas e participando. E o aluno que aprende com seu professor, o

admira e o respeita, contudo raramente encontramos professores que se dispõem a ouvi-los, aproxima-los do processo sistemático de ensino/aprendizagem. Para que ocorra essa interação construtivista é preciso pensar um pouco mais no outro, ter mais humildade e humanidade, o chamar o aluno para uma roda de conhecimento faz com que ele se esqueça dos problemas em casa e pensem em uma solução para seu futuro, para ter uma realidade diferente.

Durante alguns anos, entre os anos de 1950 a 1960, o bom espaço escolar era aquele que dava acesso a população de irem as escolas, aquele onde deve ser investido em materiais escolares, sala de biblioteca, laboratório, porém esquecendo do mais importante: investir no profissional da educação, no professor, e isso é considerado um erro gravíssimo na forma de ensino, porque do que adianta ter acesso a escola, a livros e laboratórios, se não tem um professor mais qualificado, valorizado e sendo respeitado?!

Essa desvalorização afeta o psicológico dos professores que, acostumados com a rotina, não se interessa em conhecer seus alunos e agregar valores positivos a sua aula. Tal rotina perpassa aos conteúdos e a prática da prova. Para ter um desenvolvimento do qual é esperado pelos gestores e chegar a uma conclusão sobre aprendizagem dos alunos, se estão se desenvolvendo de acordo com o que é proposto, é aplicada uma avaliação vinculada só ao aluno para medir seus conhecimentos o professor ao analisar o resultado desses testes percebe que poucos aprenderam, (mas será que realmente aprenderam?), infelizmente, não procuram saber o porquê dos outros alunos não terem tido desempenho melhor, o professor ao investigar o erro pode chegar a uma solução e assim poder ajudar seus alunos, incluindo-os no processo de aprendizagem, ajudando-os a não se sentirem desmotivados, isso porque se alguém sente que não consegue fazer bem uma coisa a tendência é sair, desistir, conseqüentemente a frequência do aluno em sala de aula diminuirá.

Essa evasão é muito frequente em nosso país (Brasil) devido que os alunos por não se sentirem motivados a ficar na escola, preferem arrumar um emprego, que para eles é mais vantajoso, do que passar quatro horas em uma sala de aula onde não são considerados como agentes ativos do processo de ensino e sim agentes passivos. Apesar da avaliação em larga escala contribuir com a coleta dos dados educacionais no Brasil, triste realidade é a de que nada se faz para melhorar a situação em que se encontra; sem falar que muitos dados são manipulados, ou seja, a realidade é bem pior do que aquela coletada.

Nas políticas de avaliação em larga escala, para a coleta dos dados, é criada a SAEB (Sistema de Avaliação Nacional da Educação Básica) que em parceria com outras políticas de coleta, tem por verificar o nível da educação nas escolas de rede estadual,

municipal e privada. E sobre esta coleta, como podemos analisar no artigo 9º da LDB –Leis de Diretrizes e Bases– A União incumbir-se-á de:

V -coletar, analisar e disseminar informações sobre a educação;

VI -assegurar processo nacional de avaliação do rendimento escolar no ensino fundamental, médio e superior, em colaboração com os sistemas de ensino, objetivando a definição de prioridades e a melhoria da qualidade do ensino;

§2ºPara o cumprimento do disposto nos incisos V a IX, a União terá acesso a todos os dados e informações necessários de todos os estabelecimentos e órgãos educacionais.

Por isso que para a escola ter um melhor desempenho é preciso mudar as táticas educacionais, valorativas concernentes a formação e respeito a função do professor e, por conseguinte, a forma avaliativa de tratar o estudante.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com base nos dados da educação e sobre a questão meritocrática na educação, para o governo a criança está incluída ao ensino igualmente como todas as outras independente, de ser escola pública ou privada, e por isso que o desenvolvimento dela não depende de sua realidade socioeconômico, pois é considerado que elas devam buscar se desenvolver por si próprias, ter avanços significativos para que possa ser promovida, ou seja, ser aprovado de forma meritocrática nas escolas e concursos. É visto que devemos ter um conhecimento do que é a justiça e justiça social, devido que, levando em consideração a dificuldade do acesso à informação de ensino de um aluno que mora em determinada periferia e estuda em escola de má qualidade, seria injusto dizer que esse aluno tem igual acesso a outros que estudam em escola de boa qualidade, suposto que apesar de terem direitos de educação e acesso a escola, o nível de ensino entre uma escola e outra é totalmente diferente. Também esta presente as diferenças de cultura dentro de uma mesma rede de ensino, em uma mesma sala de aula. Toda essa heterogeneidade que o professor tem que assumir, pergunta-se como este deve ser justo na forma de aplicar a avaliação de acordo com o nível social de educacional dos alunos?

A discussão acerca da justiça social, tanto em relação a seu aspecto de igualdade e diferenças entre indivíduo ou grupos, quanto a sua natureza redistributiva ou de reconhecimento, deve ser feita tratando os elementos da discussão como conceitos interdependentes e não como opostos. (OLIVEIRA; JORGE. 2015. P349)

Dessa forma, devemos pensar que não é porque o aluno tem a igualdade de acesso a escola e por isso justificar que ele está no mesmo patamar de igualdade de acesso ao conhecimento. É sabido que há diferenças de classes, acessos a conteúdos, livros e também a diferença de incentivos por parte de todo o contexto, agentes sociais em que está inserido o estudante, porém essa desigualdade é defendida pelo sistema capitalista, pois necessário a diferença de ensino e a transmissão do conhecimento, ou seja, na sociedade democrata é defendido a igualdade entre os indivíduos, porém a divisão da educação para o trabalho é necessário para manter a ordem.

A centralidade na obrigação de se alcançar determinados resultados leva a dinâmica de sistema a um modelo de concorrência entre estabelecimentos, em que fatores como a remuneração dos docentes depende do desempenho dos alunos. (Idem, p353)

Para um maior desempenho significativo dos alunos, garantido em forma de lei, conta-se com a participação da gestão democrática, tal modelo permite a autonomia gerencial das escolas e um maior envolvimento com a sociedade, mas em muitos casos ainda temos que enfrentar essa barreira, aproximar as comunidades escolares, interna à externa, para que juntos possam formar cidadãos em sua totalidade. Todavia, a realidade atual mostra que o estado quer se desprender de algumas responsabilidades, ou seja, algumas de suas responsabilidades são transferidas para a educação privada e isso acaba acarretando as diferenças na forma de ensino entre escola boa e escola ruim, curso bom (quem paga) e curso ruim (quem não paga), tendo a consequência de agravar a situação socio-econômica das pessoas, pois para ter ensino de boa qualidade e poder mudar sua realidade é preciso desviar parte de sua verba para pagar curso ou escola. O assalariado acaba se sacrificando pelo futuro dos filhos ou o seu próprio, com isso penso que o governo se desprende da sua responsabilidade que tem com a população.

E por isso, devido as novas transformações, a escola passa a ser palco de interesse das comunidades, como vimos, a escola sendo uma instituição de mercado, exige maior atenção de interesse educacional por parte dos pais e de quem deseja conhecê-la.

FRACASSO ESCOLAR

Sobre as questões do fracasso escola, como identificar e de que forma podemos contribuir? O que é o fracasso? É o aluno que não aprendeu? O professor que não soube ensinar? Ou a escola que promove a evasão? O fracasso escolar é tudo isso, porém deve-se explicar para não haver desentendimentos. Para falarmos sobre fracasso escola, devemos

considerar todos os agentes responsáveis pela educação do país, das escolas e das crianças, tal responsabilidade está apontado para professores, a própria escola por não valorizar o aluno e por não promover um ensino lúdico que signifique algo importante para esses discentes, mas o fracasso escolar também está imbricado a postura dos alunos, estes devem se empenhar para seu próprio sucesso, cobrar de seus professores e gestores, se interessa por sua formação, todavia não é isso o que vemos. Há muito desinteresse por parte de todos (governo, escola, professor, pais e alunos).

Quando o aluno fracassa: implica; atribui o fracasso as causas biológicas ou fisiológicas; abordagem psicológica – uma vertente psicológica atribui o fracasso a fatores emocionais, psíquicos-, e outras vertentes cognitivista – atribui o fracasso a déficits cognitivos. A abordagem culturalista atribui o fracasso a déficits culturais.

Quando a escola fracassa: abordagem antropológica atribui o fracasso a um conjunto de fatores constituídos no âmbito da educação/escola: ideológico, metodológico, institucionais, infra estruturais.

Sendo a avaliação um processo constante em sala de aula e realizado pelo professor, o fracasso escolar dos alunos não está relacionado com a evolução das disciplinas conforme a evolução e perspectivas educacionais, pois o mau desempenho, talvez, não tenha vindo do aluno. Talvez seu fracasso na escola tenha sido por uma má interpretação ou mesmo uma relação menos estável entre professor e aluno, pois sabemos que cada aluno/criança tem suas estruturas cognitivas de assimilação de determinado saber e precisa ser estimulado a assimilação ou desequilíbrio das informações para haver equilíbrio. Sabe-se que a avaliação tem por objetivo verificar determinado saber, porém não tem como ver que tipo de saber o educando possui e como ele interpreta as informações que recebe. Mas o professor pode sim aplicar testes avaliativos, porém a interpretação das respostas, o erro ou acerto do aluno nos leva a consideração de como, este, interioriza esse conhecimento, com isso percebo que classificar as respostas dos alunos em erros e acertos, em alguns casos, não se constitui em um processo coerente.

Sobre as variedades culturais em uma escola, sabe-se que são diversas, pois cada aluno apesar de viver em um mesmo bairro que seu colega de turma tem culturas e costumes diferentes, ou seja, somos todos diferentes, cada criança ou adulto tem a sua história e com isso, essa heterogeneidade se identifica nas formas diferentes que uma pessoa aprende, isso explica que o professor não deve olhar seus alunos da mesma forma, achando que todos estão aprendendo no mesmo ritmo, essa dinâmica social dá espaço para que o professor seja

interativo e diferencial, como também deve promover a inclusão dos seus alunos ao processo de ensino/aprendizagem.

Mas como ser diferencial em sala de aula e avaliar de formas distintas os alunos? Devido que as dificuldades e as diferenças de conhecimentos de cada um dificulta a forma de ensino, fazendo com que o professor se desmotive e não consiga ver as perspectivas das crianças, pois cada uma tem sonhos, sonhos de querer ser um adulto com uma boa qualidade de vida, porém o que precisam são de bons estímulos e boas referências que as façam com que busquem esse caminho, pois cada um tem sua sabedoria e isso deve ser levado em conta.

Para Esteban (2001) a avaliação, demarcando as fronteiras, facilita o isolamento dos sujeitos. A ação escolar fortalece o pensamento convergente, a subordinação às normas e a propagação das ideias de reprodução e de conformismo. O discurso da competência articula controle e organiza, dando sentido à classificação produzida nas práticas pedagógicas cotidianas e à exclusão escolar.

Isso faz com que a sociedade produza o sucesso e o fracasso, pois em uma sociedade burocratizada é definido quem tem vez, ou seja, quem pode ter o saber e quem nasceu para ser proletário.

Esse sentimento de fracasso pode ser evitado ou mesmo modificado caso professor trabalhe a avaliação numa perspectiva interacionista que possa incluir o aluno no processo de ensino/aprendizagem, quero dizer que se o professor ao analisar o exame respondido pelo aluno com o objetivo de verificar as dificuldades que este tem, o docente pode rever suas ações e ver no que está errado para com determinado discente e dessa forma buscar a solução para poder retomar o “bom caminho” da aprendizagem.

Além do fracasso ser dirigido aos professores, os alunos contribui com seu próprio fracasso devido que alguns deles não se preocupam em aprender; trata a ida de escola como sendo uma obrigação e não como sendo uma valorização da sua própria construção como ser social; muitos retém sua inteligência para não serem cobrados.

RELAÇÃO ENTRE OS ATORES DA EDUCAÇÃO, DADA À RELEVÂNCIA DO JULGAMENTO DE VALOR

O trabalho do professor que avalia o aluno deve ser permanentemente cotidiano, mas é preciso envolver outros sujeitos, a família, a comunidade, a escola como um todo. O professor deve também avaliar a escola, e tem a necessidade de trabalhar em grupo com

seus colegas para fazer uma educação unificada, unida para que o aluno se sinta parte importante desse processo ensino/aprendizagem.

O envolvimento dos profissionais atuantes na escola (do diretor ao faxineiro e porteiro) é importante à valorização por todos, para com isso pensar em uma escola para todos, para a formação digna do ser. Um aluno se sente importante quando encontra a sala de aula limpa e organizada. Infelizmente alguns desses alunos não valorizam sua escola e acabam com os materiais, quebram carteiras. Por isso que é preciso envolvê-los em debates que façam entender a importância deles na sociedade. Fazendo-as agentes críticos e atenciosos de sua real situação.

Para isso o currículo educacional deve se adequar ao contexto que o aluno está inserido, deve ser apropriado para cada comunidade, cada aluno. Paulo Freire diz que é necessário envolver os pais na educação para que possa atingir os filhos, e isso é verdade! Concordo plenamente com Freire quando diz que é preciso incentivar os pais a irem à escola, mas no atual momento que estamos isso é considerado quase impossível, pois a maioria desses pais não querem saber como seu filho está indo na escola, quem são seus professores e o que ele está estudando, devido as ocupações com outras “coisas” que consideram prioritárias, mas também algumas dessas “coisas” o governo contribui com essa ocupação, como por exemplo: trabalho, é preciso que o casal trabalhe para manter a casa, deixando algumas coisas de lado. É preciso desenvolver políticas públicas que estimule os pais a ver o desempenho dos seus filhos e que estas políticas sejam de fato cumpridas. Pois o acompanhamento à educação torna a aprendizagem importante, como também contribui com a aproximação. E a reunião de pais e mestre não é significativo, pois os pais não têm participação, eles devem avaliar a escola que seus filhos estão inseridos e procurar saber sobre os atuantes do processo de ensinamento.

Como foi dito na aula: a escola não só ensina matérias, conteúdos programáticos, mas também ensina valores. E por isso que a escola, os professores, deve atuar junto com a comunidade, criar projetos pedagógicos que envolva todos e com isso possam valorizar o ensino, a escola que hoje, como dito antes, está decadente. É preciso superar os relacionamentos, fazer com que os professores trabalhem juntos, os gestores devem dar autoridade e autonomia ao professor, o professor deve escutar seu aluno e entender o contexto que ele está inserido, conversando com eles sobre o que vai ensinar, pra que ensinar e como vai ensinar. E a comunidade deve se juntar a escola, buscar saber o que está acontecendo, o que está sendo desenvolvido. E o governo deve promover políticas que facilite a busca por essas informações.

No texto de Hadji: “compreender que é possível responder a três questões pertinentes”, o autor leva a pensar em várias hipóteses do que é a análise quantitativa; o julgamento de valor; e se deve recusar a avaliar. De acordo com a proposta dos dados quantitativos, estes são importantes para que os pais venha a escolher a boa escola de acordo com os resultados da avaliação em larga escala, importante também para professores e gestores para que possam encontrar soluções a este problema, porém pergunta-se o que é uma boa escola? Aquela que atribui uma nota ao seu aluno ou aquela que lhe dar condições de verificar seus erros e poder com eles melhorar? E será que a má escola (que não tem notas boas na coleta de dados) é tão ruim assim? E não há soluções para os problemas encontrados na análise dos dados?

Sabemos nós que os dados quantitativos é a interpretação das informações dos problemas acerca da escola, é preferível usar estes dados como auxílio para poder se auto-avaliar, informar aos atuantes do ensino (pais, alunos, professores e gestores) sobre os problemas encontrados para que juntos possam encontrar solução. Por isso que, como dito antes, não se deve eliminar a avaliação quantitativa, pois é uma forma valorosa de poder corrigir determinados erros, melhor dizendo não se pode abandonar a forma quantitativa devido a importância dessa em descobrir os erros, acertos e o que poderá ser melhorado.

Acerca do texto de Hadji, sobre o julgar não o considero uma forma de dizer o que é melhor ou pior, por ser uma palavra muito forte e mal compreendida em determinado contexto, para mim eu não digo julgar o ato em sala de aula, mas o julgar por ser um ato de atribuir valor a algo deve-se entendê-lo como uma valorização do ensino/aprendizagem nas instituições. Hadji me leva a pensar que não há escola boa ou ruim, o que há é a necessidade de mudar esses dados e buscar soluções para os erros e problemas que podem ser alcançados por todos. Não se deve julgar escola pública como sendo ruim, pois há muitas escolas desse tipo que são exemplos de parceria e ensino, como também não se deve julgar escola privada sendo a boa, pois há escolas que não tem um bom desenvolvimento com seus alunos, devido que se os pais estão pagando e muitos deles cobram para que seu filho passe.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com isso digo que não se deve deixar de julgar, mas dependerá do tipo de julgamento e a partir da avaliação quantitativa que o professor poderá julgar sua forma de

ensino, como o aluno poderá julgar sua forma de aprender. Dessa forma, poder adaptar-se as mudanças necessárias que precisam ser feitas. Isso nos remete a questão tradicional de ensino, mas entenda caro leitos, é preferível abandonar esse modo mecânico, pois sabemos que a atribuição de nota é cobrado pelos pais e por estudantes e essa nota é o primeiro diagnóstico do problema, mas é preciso fazer alterações: unir o velho com o novo.

Ainda que avaliar não seja medir, e que não haja, em ultima hipótese, avaliação se não qualitativa, é possível, com a condição de não cometer o erro que consiste em acreditar que basta observar o real para avaliar, buscar uma maior objetividade, no que tange ao referido, na consideração de dados quantificáveis. Embora a avaliação, sobretudo com intenção formativa, deva imperativamente tornar-se informativa, ela só existe com a condição de se pronunciar sobre a adequação da realidade às expectativas. (HADH. 2016; p68)

O professor precisa do diagnóstico dos dados para sua auto-avaliação, como também a escola precisa para poder implantar novos projetos políticos pedagógicos. Com isso a avaliação é essencial para se ter um diagnóstico das práticas educacionais, dessa forma o professor deve avaliar sempre, mas objetivando a avaliação formativa do estudante e encontrando novas soluções para incluí-los.

Por fim, é importância frisar a função do professor em sala de aula, e seu comportamento ético e atencioso aos meandros da avaliação, é primordial para ter-se um ensino democratizado do qual nossas escolas carecem. Como também é visto que à comunicação consigo mesma é significativo para ter uma auto-avaliação e fazer com que possa mudar suas táticas educativas, como poder perguntar-se se o assunto é relevante na aprendizagem e na formação do aluno. Essa auto-avaliação também é importante não só para a escola, mas também para o aluno fazer com que busquem compreender seus desafios e seu desenvolvimento que o deixem motivados a concertar os erros. Outro ponto importante é a comunicação, devido que todo professor deve ter características de agregar todos os atuantes de uma escola, ou seja, unificar, conversar com os colegas de profissão e com seus alunos para poder surgir soluções para a escola, para o ensino/aprendizagem; e nesta perspectiva diferenciada que deve ser caminhada. Compreendo também que a democratização do ensino, onde os alunos possam atuar como construtores é fundamental para sua formação social. Mas para que tudo isso possa ser considerado é visto o papel do governo como sendo castradores do saber, pois não valoriza a escola como construtoras do ser social, como também não valorizam a atuação do professor, o desmotivando com a falta de recursos e baixo salário mínimo, sabendo este as dificuldades e desafios que encontra no ambiente escolar. Além do mais, o governo não só desmotiva os professores, como

também aos alunos que vão a escola desmotivados, esta que é precária, atrasada e não acompanha a evolução da nova geração.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Lei de Diretrizes e B. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996. BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental.

ESTEBAN, Maria. A ambiguidade do processo de avaliação escolar da aprendizagem. In: ESTEBA, Maria (Org). **O QUE É EDUCAÇÃO?** Reflexões sobre a avaliação e fracasso escolar. Rio de Janeiro: DP&A, 2001, p. 99-125.

HADH, Charles. **Compreender que é possível responder a três questões pertinentes.**

HOFFMANN, Jussara. O cenário da avaliação no ensino de ciências, história e geografia. In: SILVA, Janssen Felipe (Org). **Práticas avaliativas e aprendizagens significativas em diferentes áreas do currículo.** Porto Alegre: Mediação, 2004, p.45-51.

LUIS, Suzana Maria Barrios. Um (con)texto de reflexão acerca das práticas de escrita das professoras sobre a avaliação. **Escrevendo a avaliação:** a escrita de diários como exercício avaliativo. UFMG, 2007.

OLIVEIRA, Dalila; JORGE, Tiago. As políticas de Avaliação, os docentes e a justiça escolar. **Currículo Sem Fronteira**, v. 15, n. 2, p. 346-364, maio/agosto. 2015

SOBRINHO, José Dias. O campo da avaliação, enfoques, definições. In: SOBRINHO, José Dias. **Avaliação:** políticas educacionais e reformas da educação superior. São Paulo: Cortez, 2003.